

O VERBO MATAR: CONCEPÇÕES BAKHTINIANAS DE LINGUAGEM NA CRÔNICA DE DRUMMOND

Leíza Maria Rosa¹

Resumo: A intenção deste estudo é relatar como o verbo *matar*² se apresenta em diferentes enunciados, utilizando-se principalmente de expressões metafóricas colhidas na linguagem cotidiana. Para isso, tomamos como *corpus* a crônica *O verbo matar*, de Carlos Drummond de Andrade, um texto que enumera o emprego desse verbo de forma corriqueira pelos falantes da língua portuguesa no Brasil. Nesse contexto, abordamos algumas concepções bakhtinianas a respeito da linguagem, num sistema ideológico, dialógico e plurilinguístico. Fez-se necessário dialogar ainda com autores como Fanti e Brait. Através da escrita genial de Drummond é possível empregar as concepções de Bakhtin acerca da linguagem e sua atitude plural-social, promovendo por meio de enunciados metafóricos um recurso de linguagem muito próprio da crônica: a ironia.

Palavras-chave: dialogismo; verbo matar; Drummond.

Abstract: The intention of this study is to report how the verb *kill* comes in different statements, using mostly metaphorical expressions collected in everyday language. For this, we take as *corpus* the chronic *The verb kill*, by Carlos Drummond de Andrade, a text which lists the use of this verb in everyday circumstances form by portuguese speakers in Brazil. In this context, we approach some Bakhtinian conceptions of language, in an ideological, dialogical and multi linguistic system. It was necessary to further dialogue with authors such as Fanti and Brait. Through great writing of Drummond it is possible to employ Bakhtin's concepts about language and its plural-social attitude, promoting through metaphorical enunciation a very particular feature of chronic: irony.

Keywords: dialogism; verb kill; Drummond.

“No princípio era o verbo”

Qualquer semelhança entre o título da introdução (princípio) deste trabalho e o enunciado bíblico não é mera coincidência. Na bíblia, o Verbo, iniciado pela letra maiúscula, representa

¹ Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão. E-mail: leiza.rosa@hotmail.com

² A palavra matar, quando se referir a nosso objeto de estudo, será grafada sempre em itálico.

Deus, como princípio de tudo e que, posteriormente se fez carne. Neste trabalho, o enunciado é retomado para se referir ao verbo protagonista da crônica *O verbo matar*, de Carlos Drummond de Andrade. Na crônica, o princípio também é ou era o verbo *matar*, como sentido primeiro do ato de tirar a vida de alguém; mas que posteriormente foi modificado e multiplicado pelos locutores e interlocutores na linguagem cotidiana num processo discursivo, ganhando outros sentidos. E é no princípio da crônica, já carregada de ironia, que o cronista esclarece o assunto e uma indignação perante o fato linguístico:

Quem se espanta com o espetáculo de horror diversificado que o mundo de hoje oferece faria bem se tivesse o dicionário como livro de leitura diurna e noturna. Pois ali está, na letra M, a chave do temperamento homicida, que convive no homem com suas tendências angélicas, e convive em perfeita harmonia de namorados.
O consulente verá que matar é verbo copiosamente conjugado por ele próprio. Não importa que cultive a mansuetude, a filantropia, o sentimentalismo; que redija projetos de paz universal, à maneira de Kant, e considere abominações o assassinio e o genocídio. Vive matando. (ANDRADE, 1975, p. 54-55).

Tamanha indignação se dá pelo fato de que, o locutor, no ato da fala, utiliza o verbo *matar* para citar várias outras ações e denominações que necessariamente não diz respeito ao fato de tirar a vida de alguém. O homem *mata* o tempo, a sede, a fome, a aula, o trabalho.

Tomemos este fato linguístico também como social. Bakhtin concorda que a língua é um fato social, fundada na necessidade de se comunicar. Mas a língua, para Bakhtin, não é apenas um objeto abstrato ideal, há valor na fala, na enunciação, por isso sua natureza social e não individual. Portanto, apesar de combater a violência, a guerra, o genocídio, como cita o cronista em seu texto, o homem vive *matando* cotidianamente, com expressões corriqueiras que não fazem parte da norma culta da língua portuguesa, assim como consta no dicionário:

ma.tar [Lat. Vulg. **mattare*, poss.] vtd. **1.** Tirar violentamente a vida a; assassinar. **2.** Causar a morte de. **3.** Fazer murchar. **4.** Fazer desaparecer. **5.** Saciar, satisfazer: *matar a sede*. **6.** Fazer às pressas e mal. **7.** Bras. *Gír*. Deixar de comparecer a (aula, trabalho). **8.** Fut. Amortecer (a bola). *int.* **9.** Causar morte(s). **10.** Ser assassino. **11.** Fut. Amortecer a bola. *p.* **12.** Suicidar-se (1). **13.** Fig. Cansar-se muito; fatigar-se: *Mata-se de trabalhar*. (...) (FERREIRA, 2010. p. 493).

Até mesmo o dicionário traiu o cronista ao apresentar oito sentidos outros à palavra *matar* que não o sentido primeiro de tirar a vida. Porque a linguagem é plural o bastante para

deixar-se flexibilizar, para ganhar conotações metafóricas e materializar-se na fala. Nesse sentido, tomamos como recurso a concepção de dialogismo proposta por Bakhtin, ao passo que, para este autor, o sujeito constitui-se na/pela linguagem, e esta é um local onde as várias vozes se encontram, tornando a fala heterogênea, múltipla, porque é atravessada por outras falas. Para Bakhtin a palavra é um fenômeno ideológico e considerar a linguagem como discurso, neste autor, é reconhecer a sua dialogicidade interna.

Podemos entender, nesse caminho, que Bakhtin é o precursor de uma teoria enunciativo-discursiva que considera a linguagem como atividade, instituída em um processo concreto em que o signo se instaura ideológico e dialogicamente. Não há, assim, qualquer movimento de apropriação de signos lingüísticos em um sistema fechado, uma vez que o signo somente existe em circulação. No dicionário, há virtualidades, potencialidades que, em uso, são dialogizadas e ideologizadas. (FANTI, 2003, p. 99).

É exatamente essa pluralidade de significados que o cronista discute ao longo do texto, utilizando como *corpus* a linguagem cotidiana, o falar do brasileiro comum, das ruas, da fazenda. A língua evolui e com ela há uma dinamicidade, os sentidos conotativos aparecem não somente na poesia, na literatura, mas na fala cotidiana e, o que é a crônica senão o reflexo do dia a dia, a representação do cotidiano?

Carlos Drummond de Andrade exerceu o ofício de cronista muito bem, sem deixar de ser poeta ao escrever prosa, isso é perceptível principalmente na linguagem empregada pelo autor em suas crônicas, como esta em questão que utilizamos como *corpus* para análise.

O arsenal de textos em prosa de Drummond é vasto e riquíssimo. Como a intenção aqui proposta é estudar os enunciados em torno do verbo *matar*, limitamos a ler um texto em que este aparece como assunto principal. Este texto, como tantos outros, foi publicado no *Caderno B* do *Jornal do Brasil*, impresso em que Drummond exerceu o ofício de cronista e jornalista entre 1969 e 1984; mais tarde, tal crônica veio a integrar o conjunto de textos reunidos no livro *De notícias e não notícias faz-se a crônica*, de 1974, primeira edição, sendo que para esta análise utilizamos a segunda edição do livro, de 1975.

O texto literário analisado tece uma crítica sobre os vários empregos do verbo *matar* na linguagem coloquial do brasileiro, mais que isso, o cronista utiliza-se dessas várias expressões corriqueiras para criticar o fato de que se essa palavra é tão empregada na fala, não é de se

admirar que tantas barbaridades e catástrofes acontecem diariamente, *matar* tornou-se algo cotidiano. Não há personagens na crônica, apenas a narração em primeira pessoa. Para Sá (1985), quem fala na crônica é sempre o próprio cronista, a voz do narrador é a voz do cronista.

Apesar de ser engendrada por signos linguísticos carregados de expressão, analisar a crônica drummondiana sob aspecto da teoria dialógica de Bakhtin é um exercício exaustivo, complexo, ao mesmo tempo enriquecedor e estimulante. Vamos nos ater a apresentar brevemente alguns conceitos de Bakhtin e analisar a crônica de Drummond sob o ponto de vista linguístico, para aquele autor. Lembrando que nenhuma análise é pronta e acabada, há sempre outras percepções possíveis num texto tão rico quanto o de Drummond e numa teoria tão vasta quanto a de Bakhtin.

O sistema ideológico, dialógico e plurilinguístico de Bakhtin

Bakhtin nos apresenta conceitos que muito contribuíram para a literatura. Apesar de ter sido um filósofo da linguagem, como alguns estudiosos assim o denominam, seu objeto de estudo foi sempre a literatura. Para este autor, “todas as palavras e formas que povoam a linguagem são vozes sociais e históricas, que lhe dão determinadas significações concretas, (...) expressando a posição sócio-ideológica *diferenciada* do autor no seio dos diferentes discursos de sua época” (BAKHTIN, 2010, p. 106). Assim, a arte é vinculada à vida, ao social, portanto enunciados pronunciados pelos sujeitos fazem parte de determinado contexto, num dado espaço, numa dada época.

Bakhtin apresenta a linguagem como dialógica, ao passo de que não é algo homogêneo, pois uma fala é sempre atravessada por outras falas. Um bom exemplo é o verbo *matar* que o cronista questiona. Por que há tantos sentidos conotativos atribuídos a esta palavra que, de tão corriqueiros e pronunciados tornaram comuns? Expressões que, de repente, ganharam sentido denotativo, palavras compostas que são formadas pelo prefixo *mata* e que se tornaram nomes próprios, que designam determinada coisa ou objeto? Justamente porque há a questão histórica e social, as várias vozes que atravessaram a linguagem até que determinado signo atingisse tal sentido num processo de coloquialização.

De acordo com Fiorin (2010), baseando-se nas ideias bakhtinianas, o dialogismo não se dá entre interlocutores e sim entre discursos, pois o interlocutor só existe enquanto discurso. O dialogismo em Bakhtin é o modo de funcionamento real da linguagem e uma forma particular de composição do discurso.

Ainda segundo o autor, “os homens não têm acesso direto à realidade, pois nossa relação com ela é sempre mediada pela linguagem. [...] O real se apresenta para nós semioticamente” (FIORIN, 2010, p. 167). Portanto, nossos discursos se relacionam com outros discursos e essa relação é chamada dialogismo. Além disso, toda palavra é cercada de outras palavras. Por que haveria de ser diferente com a palavra (verbo) *matar*?

Bakhtin/Volochínov (2012) discorre sobre o locutor que se vale da língua para satisfazer suas necessidades enunciativas e utiliza as formas normativas de acordo com o contexto ao qual faz parte.

Para ele, [locutor] o centro de gravidade da língua não reside na conformidade à norma da forma utilizada, mas na nova significação que essa forma adquire no contexto. O que importa não é o aspecto da forma linguística que, em qualquer caso em que esta é utilizada, permanece sempre idêntico. Não; para o locutor o que importa é aquilo que permite que a forma linguística figure num dado contexto, aquilo que a torna um signo adequado às condições de uma situação concreta dada. Para o locutor, a forma linguística não tem importância enquanto sinal estável e sempre igual a si mesmo, mas somente enquanto signo sempre variável e flexível. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2012, p. 96).

Portanto, faz sentido utilizar a expressão matar o tempo para se referir às horas de ócio, mesmo que o cronista condene e indague, por que não dizer viver o tempo? Da mesma forma que faz sentido dizer que matamos a fome e a sede ao invés de dizer que saciamos ambas. E o locutor da crônica diz que mata a aula, mata o trabalho, para dizer que não compareceu, “o que implica matança do professor, da matéria e, conseqüentemente, de parte do seu acervo individual de conhecimento” (ANDRADE, 1975, p. 55). Assim como no jogo de xadrez a vitória é chamada de xeque-mate, “liquidando” o adversário.

Ao mesmo tempo em que essas expressões são metáforas do verbo *matar*, e na crônica são utilizadas de forma conotativa, na linguagem cotidiana tais expressões são carregadas de valor e veracidade, denotativas do ponto de vista de quem fala. Porque quem liquida o adversário no xadrez não o mata tirando-lhe a vida, apenas ganha a partida e faz do adversário derrotado.

De acordo com Fanti (2003), Bakhtin destaca as relações dialógicas como relações de sentido entre os enunciados, sendo o sentido inscrito em vozes discursivas (sociais), isso exclui qualquer possibilidade de abordagem individualista. Para ela, “tratar do dialogismo é, por um lado, descartar qualquer possibilidade de limitação e redução de sentidos, e, por outro, preservar as ressonâncias de outros ditos, já-ditos e/ou não-ditos na linguagem” (FANTI, 2003, p. 98). Porque a linguagem não é individual e sim plural.

A autora acrescenta que “o sujeito e os sentidos constroem-se discursivamente nas interações verbais na relação com o outro, em uma determinada esfera de atividade humana” (FANTI, 2003, p. 98). Os enunciados aparecem dialogicamente num determinado momento social e histórico constituído de vozes e através de interlocutores vários.

O cronista cita, por exemplo, que o mata-borrão era aquele papel grosso, uma espécie de chupão que sugava o excesso de tinta de caneta e fazia-a secar em cartas e documentos. Mas esclarece, “já não se usa, mas usou-se muito” e, mais adiante reitera o fato de tal objeto possuir na descrição a palavra *mata*, porque trabalhava “sugando o sangue azul da vítima, qual vampiro de escritório” (ANDRADE, 1975, p. 56).

Em determinado momento histórico o objeto que era conhecido por secar tinta de caneta era denominado mata-borrão. Na época da escrita da crônica, final da década de 1960, início da década de 1970, já não se denominava tal objeto assim, ou não se usava mais esse tipo de secagem. As gerações futuras, como a dos dias atuais, não conviveu com determinado objeto e sim com canetas que secam a tinta rapidamente sobre o papel, sem precisar de um utensílio próprio para isso.

Portanto, a linguagem a partir da abordagem dialógica não pode ser estudada fora da sociedade, uma vez que o enunciado, como unidade concreta da interação verbal, tem estabilidade provisória e traz em sua constituição características de cada situação de enunciação em que é produzido e circula. (FANTI, 2003, p. 101).

De acordo com Fanti (2003), Bakhtin também apresenta o conceito de plurilinguismo, afirmando que há uma diversidade de vozes discursivas, ou seja, a linguagem é plural, apesar de haver uma norma padrão culta nacional da língua, há que se considerar as variações linguísticas que essa permite. Na crônica drummondiana analisada há uma série de exemplos dessas

variações, a partir de expressões criadas com o verbo *matar* e palavras criadas com o prefixo *mata*.

O signo, para Bakhtin, é constituído como uma atitude responsiva ativa, de determinado sujeito em relação a algo. “Para ser compreendido, exige também uma atitude dialógica de um outro sujeito, o qual produz signos, num exercício de aproximação entre o signo em observação e outros já conhecidos” (FANTI, 2003, p. 100). Então, como nos apresenta o cronista, se alguém quer matar a fome ou a sede é só comer ou beber algo e não cometer nenhum crime de assassinato.

Matar, verbo corriqueiro e signo plural

Muito comum em textos literários, a metáfora, figura de linguagem que consiste em empregar uma palavra num sentido que não lhe é comum, está intimamente ligada com a principal discussão na crônica *O verbo matar*, de Drummond.

O cronista enumera expressões que, de tão corriqueiras já se tornaram próprias, mas que realmente confere um sentido conotativo à ação de matar tal qual a conhecemos. O discurso metafórico neste texto serve para demonstrar que o empregamos diariamente em situações várias. O cronista/narrador lista uma infinidade de exemplos do emprego do verbo *matar*, tão inerente à algumas palavras e expressões que tornaram nomes próprios e não apenas sentidos metafóricos e isolados.

Através da crítica, além da metáfora, a ironia é um recurso de linguagem que perpassa todo o texto e faz dele brilhante. Aliás, “o que o cronista deseja é exatamente provocar o riso irônico através do qual expressamos a nossa indignação diante da arbitrariedade que não respeita os mais simples objetos” (SÁ, 1985, p. 41-42). Ou seja, se a intenção de Drummond era provocar o riso, tal objetivo foi alcançado, pois não há como negar a situação que nos é apresentada, enquanto falantes e praticantes do linguajar coloquial do nosso tempo.

Além de matar o tempo, a sede, a fome, a aula, o trabalho, a charada, expressões bastante corriqueiras no falar coloquial, o cronista enumera outras expressões que fizeram ou ainda fazem parte de alguns dialetos específicos. Segundo ele, beber um gole no botequim é chamado mata-

bicho, expressão difícil de ser ouvida nos dias atuais, possivelmente presente no linguajar coloquial da década de 1970, período que se encontrava enquanto escritor deste texto.

A teoria de Bakhtin reforça a tese de que a história perpassa o discurso, é possível uma análise histórica da linguagem nesse sentido. A linguagem [literária] é historicizada nesse movimento dialógico de constituição, portanto o sentido é histórico. A este conceito bakhtiniano também se aplica o mata-borrão, objeto que não existe mais nos dias atuais, portanto não faz parte da fala corriqueira, e o mata-mosquito, como era popularmente chamado o guarda sanitário, atualmente conhecido como agente de saúde ou de endemias.

Com relação à planta comumente chamada mata-cabras, o cronista questiona se é assim denominada por causar a morte nessa espécie de mamíferos. Assim como existe a planta mata-cachorro e a mata-cavalo. Há ainda o peixe mata-gato e o vento de inverno em Santa Catarina que é chamado mata-baiano. Essa é uma expressão típica da fala coloquial, uma vez que a Bahia é uma região de climas quentes e daí provavelmente se deve tal expressão, um vento mais frio iria maltratar muito os baianos acostumados com o calor.

Com esses exemplos é possível constatar a teoria do dialogismo de Bakhtin, em que um discurso é sempre atravessado por outros. No último exemplo citado, do mata-baiano, esse discurso só é possível de acontecer pelo fato de haver um outro, anterior, o de que na região da Bahia é verão o ano todo e o baiano não aguenta o frio do sul. Esse princípio dialógico é o elemento central da obra de Bakhtin, e foi na literatura que ele buscou exemplos discursivos para aplicar sua teoria, mais especificamente no Romance, no caso deste trabalho, a crônica drummondiana nos serve como elemento de pesquisa.

Mais que uma questão de fala, esta é uma questão social, uma vez que o que é repetido por um determinado grupo de pessoas, em determinado local ganha sentido de verdade. Nesse contexto, Maingueneau (2011) esclarece que “o interesse que governa a análise do discurso é o de apreender o discurso como o entrelaçamento de um texto com um lugar social” (MAINGUENEAU, 2011, p. 15). Portanto, é imprescindível considerar a fala como uma questão social, o signo, como Bakhtin esclareceu, é plural, composto de várias vozes que o atravessam, a voz social é uma delas, assim como a história.

Vários exemplos nos são dados na crônica, sempre nos remetendo à linguagem coloquial, do dia a dia, algumas expressões até particulares de um grupo específico. Por exemplo, a

comunidade rural, que conhece muito bem o que é um mata-burro, uma espécie de buraco na terra coberto com filetes de madeira ou ferro para não permitir que o gado passe de um terreno para o outro, fazendo o papel da cerca de arame farpado onde é preciso passar com veículos, por isso a cerca não seria possível. Não que tal engenhoca serve para matar os burros, mas sim para espantar o gado para que não avance adiante na fazenda vizinha. O morador que nasceu, que vive numa grande cidade e não tem o hábito de frequentar a zona rural, pode não conhecer um mata-burro ou saber da existência da expressão e não ter visto de fato o que ela representa.

Outros exemplos de como o discurso é perpassado pela voz social, descrito na crônica, é o fato de o marimbondo, o porrete e a formiga serem denominados de mata-cobra, a ferida em lombo de animal ser uma matadura e o dedo polegar ser popularmente conhecido como mata-piolhos. Assim, Bakhtin (2010, p. 83) descreve plurilinguismo dialogizado, aquele que não leva em conta somente as línguas oficiais do seu tempo, o que é semelhante à linguagem coloquial da crônica drummondiana, mas sem deixar de ser literária, de ser poética.

Segundo Stella (2010), nos trabalhos de Bakhtin, a palavra e a linguagem são tratadas de uma forma diferente, levando em conta a historicidade de ambas, bem como a questão ideológica, relacionada à vida, à realidade, “como parte de um processo de interação entre um falante e um interlocutor. As entoações são valores atribuídos e/ou agregados àquilo dito pelo locutor” (STELLA, 2010, p. 178).

Para Bakhtin, a palavra e a linguagem são sempre perpassadas pela história, agregadas a ambas através da fala e, de locutor a interlocutor, o sentido vai sendo modificado, multiplicado e atestado. O caso da palavra *matar*, tão bem descrito na crônica de Drummond, é um exemplo de como outros valores e significados podem ser atribuídos à ela, mesmo que de forma metafórica.

O falante, ao dar vida à palavra com sua entoação, dialoga diretamente com os valores da sociedade, expressando seu ponto de vista em relação a esses valores. São esses valores que devem ser entendidos, apreendidos e confirmados ou não pelo interlocutor. A palavra dita, expressa, enunciada, constitui-se como produto ideológico, resultado de um processo de interação na realidade viva. (STELLA, 2010, p. 178).

Devemos sempre levar em consideração que uma crônica, por mais que apresente um recorte cotidiano, que habitou o jornal diário, trata-se de ficção. Não estamos aqui tomando como real o que o cronista expõe em seu texto, e sim fazendo uma análise linguística possível,

acerca de conceitos bakhtinianos, das expressões que são enumeradas no texto, se referindo ao verbo *matar* e que fazem parte da fala do brasileiro. Enquanto falantes da língua sabemos reconhecer tais expressões, pois fazem parte do cotidiano, bem como da literatura.

Tratam-se, como expôs Bakhtin/Volochínov (2012), de expressões exteriorizadas, uma vez que englobam o ato de fala, a enunciação, portanto formadas e determinadas “de alguma maneira no psiquismo do indivíduo, exterioriza-se objetivamente para outrem com a ajuda de algum código de signos exteriores” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2012, p. 115). A expressão engloba, portanto, o conteúdo interior e sua objetivação exterior e, exteriorizando-se o conteúdo interior muda de aspecto.

No caso do centro de toda discussão da crônica analisada, o verbo *matar* se multiplica em expressões exteriorizadas. A palavra *matar* entra em contato com a palavra exterior, com o meio extraverbal (uma nova situação), desencadeando um processo interno de interpretação.

A compreensão da palavra exterior, resultado desse processo de confronto e interpretação, proporciona uma reavaliação, uma modificação e o surgimento de um novo signo na consciência, uma nova palavra interior, resultado evolutivo do contato e da assimilação pelo sujeito da palavra do outro. (STELLA, 2010, p. 181).

Portanto, a palavra *matar* é exteriorizada em novos signos como os que estão descritos na crônica, em expressões exteriores como *matar a sede*, *matar a aula*, *xequê mate*, *mata-mata*, *mata-mosquito*. E o sujeito interlocutor, se apoderando desses discursos outros através da fala, demonstra que assimilou ativamente e concretamente a palavra do outro, “integrada a seu discurso, motivada pelo uso, pela realidade cotidiana, pela vida” (STELLA, 2010, p. 181). Os novos significados devem ser compreendidos pelo interlocutor, ampliando-se, assim o sentido do verbo *matar*.

Considerações (quase) finais

Para os falantes de “linguagem de em dia-de-semana”, como notou o personagem do conto “Famigerado”, de Guimarães Rosa, pode parecer imperceptível o quanto há o emprego do verbo *matar* na fala, mas Drummond tem em si a observação própria de escritor: enquanto cronista e, muito além, poeta, nos presta o serviço de abrir nossos olhos para as conotações do

cotidiano. “A pressa de viver desenvolve no cronista uma sensibilidade especial, que o predispõe a captar com maior intensidade os sinais da vida que diariamente deixamos escapar” (SÁ, 1985, p.12).

O verbo matar, de Drummond, é um típico exemplo dessa espécie narrativa, a crônica, um recorte do cotidiano, a exposição de um fator social por meio da ficção, permitindo através da linguagem coloquial a ironia e, por conseguinte expressar uma crítica. Mas é preciso ressaltar que Drummond, mesmo escrevendo prosa lança mão da poeticidade que lhe é costumeira, uma virtude que transforma seu texto em literário. É como se o escritor utilizasse sua sensibilidade de poeta para observar o cotidiano, transpondo para o papel a situação encontrada de forma tão subjetiva e clara que permitisse levar o leitor à reflexão.

Além da linguagem metafórica, própria da literatura, e presente no texto de Drummond, o assunto central gira em torno de metáforas do verbo *matar*. É um cronista discorrendo sobre seu objeto de comunicação e expressão, a língua. É a escrita discorrendo sobre a fala, a metalinguagem da prosa cotidiana.

E se o objeto de estudo de Bakhtin foi a linguagem, através da escrita literária, pertinente seria estudá-lo sob o viés de um artefato estilístico de escrita, a crônica jornalística, mas também literária. A linguagem coloquial é empregada pelo cronista de forma particular, num jogo de palavras que talvez deixaria Bakhtin com ainda mais sede de estudo. Pois o texto de Drummond é um claro exemplo de como a língua é social, histórica, plural e a linguagem dialógica, não pela maneira que escreve, mas pelo que está escrito, exposto, as variações de sentido que podem ocorrer com uma simples palavra, dependendo do discurso em que o enunciado é empregado.

Aqui temos signos que formam teias perpassadas por vozes diversas. Exemplo rico de expressividade e possibilidades de expansão e modificação da língua padrão. O não abstrato dicionarizado, a pluralidade de sentidos. É Bakhtin que nos ensina que a língua, enquanto meio vivo e concreto, não é única, a menos que seja como forma normativa, sistema gramatical. É cheia de percepções ideológicas, é social, cultural, contextual.

A vida social viva e a evolução histórica criam, nos limites de uma língua nacional abstratamente única, uma pluralidade de mundos concretos, de perspectivas literárias, ideológicas e sociais, fechadas; (...) A própria língua literária oral e escrita, única não só em relação aos seus índices gerais linguísticos abstratos, mas também nas suas formas

ROSA, Leíza. O verbo matar: concepções bakhtinianas de linguagem na crônica de Drummond. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n. 1, p. 47- 59, 2015. (ISSN 2317-1006 - online).

de interpretação destes momentos abstratos, é estratificada e plurilíngue no seu aspecto concreto, objetivamente semântico e expressivo. (BAKHTIN, 2010, p. 96).

Se Bakhtin informa que a linguagem literária é estratificada, cremos que se refere à escrita de literatos, que possuem uma forma típica de expressar ideias no papel. E no que diz respeito à crônica aqui analisada, poderíamos até concordar que o cronista defende certa estratificação da palavra *matar*, com significado único, mas o faz de forma irônica, o que nos permite duvidar de sua intenção, pois se até o dicionário já adotou sentidos outros, não há porque levar tão a sério o cronista. Além disso, se o recurso por ele utilizado é a ironia, o que está em jogo é o que está exposto e não como foi exposto e sua crítica não é às conotações e sim à forma denotativa do verbo em questão.

A crítica do cronista é com relação à sociedade da qual faz parte, levando em consideração a época em que foi escrito o texto, mas uma crítica que se faz atual, pois várias expressões citadas ainda nos são comuns. Para o cronista, se o ser humano pratica tanto o verbo *matar* na fala e na escrita, não é de se espantar que pratique tantas matanças e extermínios, *matar* tornou-se algo normal e corriqueiro, não causa espanto, nem repúdio, metaforicamente falando ou não.

Se a linguagem espelha o homem, e se o homem adorna a linguagem com tais subpensamentos de matar, não admira que os atos de banditismo, a explosão intencional de aviões, o fuzilamento de reféns, o bombardeio aéreo de alvos residenciais, os pogroms, o *napalm*, as bombas A e H, a variada tragédia dos dias modernos se revele como afirmação cotidiana do lado perverso do ser humano. Admira é que existam a pesquisa de antibióticos, Cruz Vermelha Internacional, Mozart, o amor. (ANDRADE, 1975, p. 56).

É como se o ato de tirar a vida, praticado por um ser humano em relação a outro, fosse explicado pela normalidade e facilidade que se tem em repetir a ação na fala, mesmo que metaforicamente. Se é comum na fala e na escrita, por que a ação de matar, na forma denotativa como a conhecemos, também não seria comum?

ROSA, Leíza. O verbo matar: concepções bakhtinianas de linguagem na crônica de Drummond. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n. 1, p. 47- 59, 2015. (ISSN 2317-1006 - online).

Referências

ANDRADE, Carlos Drummond. O verbo matar. In.: **De notícias e não notícias faz-se a crônica**: histórias diálogos e divagações. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975. p. 54-56.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética**. (A teoria do Romance). Trad. Aurora Bernardini *et. al.* 6.ed. São Paulo: HUCITET, 2010.

BAKHTIN, Mikhail; VOLOCHÍNOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Problemas Fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 13. ed. São Paulo: HUCITEC, 2012.

Evangelho Segundo São João. 1:1. **Bíblia Sagrada**. 201 ed. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2013. p. 1384.

FANTI, Maria da Gloria Corrêa Di. A linguagem em Bakhtin: pontos e pespontos. In.: **Veredas** - Revista de Estudos Linguísticos. v. 7. n. 1 e n. 2. Juiz de Fora. Jan/Dez 2003. p.95-111. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo32.pdf>. Acesso em: 05 de fevereiro de 2014, às 15h.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Coord. De edição Marina Baird Ferreira. **Mini Aurélio**: o dicionário da língua portuguesa. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2010. p. 493.

FIORIN, José Luiz. Interdiscursividade e intertextualidade. In.: BRAIT, Beth. (org.) **Bakhtin**: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2010.

MAINGUENEAU, Dominique. A análise do discurso e o ensino da literatura. Trad.: Carolina Fernandes. In.: **Práticas Discursivas Amazônicas**. Ano 1, n. 1. Cacoal (RO), 2011.

SÁ, Jorge de. **A crônica**. Série Princípios. 2.ed. São Paulo: Ática, 1985.

STELLA, Paulo Rogério. Palavra. In.: BRAIT, Beth. (org.) **Bakhtin**: conceitos-chave. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

Recebido em março de 2015.

Aceito em outubro de 2015.